



677

QUESTÕES E QUADRINHOS: O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENEM, EM VESTIBULARES E CONCURSOS

Guido de Oliveira Carvalho¹ (UEG/UFG)

GT4 – Mídias, Arte e Educação

Resumo

O objetivo desta pesquisa é o de verificar quais os gêneros das histórias em quadrinhos e para quais finalidades são usados no ENEM, no vestibular da Universidade Estadual de Goiás e em concursos de 2011 a 2015. As histórias em quadrinhos constituem-se um gênero recente, com pouco mais de um século de existência. Nas últimas décadas, elas vêm sendo utilizadas em sala de aula como recurso pedagógico e é natural que eles compareçam também em questões de provas. A fundamentação teórica buscou textos sobre as definições dos quadrinhos (RAMOS, 2009) e a relação quadrinhos e educação (VERGUEIRO; RAMOS, 2009; GONÇALO JUNIOR, 2009; SANTOS NETO; SILVA, 2011) Para alcançar os objetivos desta pesquisa, utilizamos o paradigma da pesquisa qualitativa. Uma vez que buscamos informações armazenadas em bancos de dados de instituições educativas, este trabalho se classifica como pesquisa documental. Os dados mostraram que tiras, charges e cartuns aparecem em proporção significativa nos exames de 2011 a 2015, em quase todas as disciplinas, com presença maior em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e História. Em relação ao tipo de questões elaboradas com os quadrinhos, foram agrupadas em cinco categorias: questões de interpretação com foco apenas no texto; questões de interpretação com foco em conteúdos de disciplinas; questões com foco em aspectos linguísticos; questões em que os quadrinhos são apenas ilustrativos e questões em que os quadrinhos são base para a redação. Algumas questões apresentam problemas tais como mutilação do texto original, falta de autoria ou referência incompleta. A linguagem não verbal foi levada em consideração em poucas questões nos três exames. Conclui-se que, diferente de décadas atrás, as histórias em quadrinhos estão efetivamente presentes na área educacional.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos. ENEM. Vestibulares.

Introdução

A nomenclatura dos quadrinhos é algo que chama a atenção à primeira vista. Histórias em quadrinhos, quadrinhos, historietas, narrativas gráficas, gibis, tiras, tiras de quadrinhos, tirinhas etc. Essa aparente salada de denominações se deve principalmente ao longo tempo que demorou para que os quadrinhos fossem reconhecidos como objeto de pesquisas acadêmicas. Para os fins deste estudo, seguiremos a concepção de Ramos (2009).

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Letras pela UFG. Professor de estágio de Língua Inglesa na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Goiás. E-mail: longevos@hotmail.com.



678

Para o autor, “*quadrinhos* seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades” (p. 20). Dessa forma, o termo guarda-chuva *quadrinhos* (ou *história em quadrinhos*) abrigaria os gêneros como charges, cartuns, tiras, graphic novels e os outros modos de produção que existem ou que venham a surgir.

Pesquisadores como Ramos (2009) e Santos e Vergueiro (2012) são enfáticos em combater uma concepção que consideram equivocada: histórias em quadrinhos não são literatura. Constituem-se como um gênero com suas especificidades e características, tal como qualquer outro gênero. Ramos (2009, p. 17) é enfático nesse ponto: “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.”

O gênero também marca presença na educação e com o uso dos quadrinhos nessa área, é natural que eles compareçam também em vestibulares, concursos e no ENEM. Quitau (2007) sugere que as narrativas gráficas sejam utilizadas com o objetivo de leitura. Milhomen (2010) fez uma coletânea de tiras utilizadas para questões de Língua Portuguesa em vestibulares e constatou o crescente uso desse gênero textual. Nosso objetivo, então, foi verificar quais os tipos de narrativas gráficas e para quais finalidades eles são usados nos vestibulares, concursos e ENEM. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Vieira (2009, p. 6), “não é generalizável, mas *exploratória*, no sentido de buscar conhecimento para uma questão sobre a qual as informações disponíveis são, anda, insuficientes (grifo da autora)”.

Este texto está organizado da seguinte forma: após a introdução, apresentamos a fundamentação teórica destacando a relação entre os quadrinhos e a educação e considerações sobre tiras, charges e cartuns. Em seguida, descrevemos a metodologia e, na seção seguinte, analisamos os dados. E, por último, concluímos o artigo com nossas considerações finais.

A relação quadrinhos e educação

A educação não via com bons olhos os quadrinhos em seus primórdios, no princípio do século XX. O principal argumento utilizado pelos detratores dos quadrinhos era o de que esse gênero textual gerava “preguiça mental” e afastavam os leitores da “boa leitura”



679

(VERGUEIRO; RAMOS, 2009). Estudos posteriores desmitificam essa crença. Carvalho (2006), por exemplo, informa que a Confederação Nacional dos Trabalhos em Educação realizou a pesquisa “Retrato da Escola 2”, cujo resultado mostrou que alunos que leem gibis apresentam notas melhores em provas do que aqueles que não leem gibis.

Os quadrinhos começaram a ser visto de outra forma pelos educadores de forma tímida, a partir dos anos 40 do Século XX. Primeiro, com algumas experiências isoladas de professores, depois marcando presença em livros didáticos e, por fim, sendo objeto de estudos acadêmicos.

De acordo com Santos Neto e Silva (2011), já na década de 40, os Estados Unidos começaram a explorar o caráter educacional dos quadrinhos: cartilhas educativas em forma de quadrinhos, ilustrações em livros didáticos, biografias de pessoas famosas e adaptações de clássicos literários para esse gênero, com a famosa série *Classics Illustrated*.

Entretanto, segundo Gonçalo Junior (2009), os europeus foram os pioneiros, na década de 60, em considerar os produtos da comunicação de massa – à qual pertenciam os quadrinhos – objeto de estudos acadêmicos. Ramos (2006) informa que os primeiros estudos sobre quadrinhos no Brasil se desenvolveram a partir do fim dos anos 60.

Vergueiro e Ramos (2009) estabelecem os anos 90 como a data da mudança definitiva da relação dos quadrinhos com a educação. Isso ocorreu devido aos documentos oficiais trazerem menções aos quadrinhos e indicarem seu uso na educação. Primeiro a Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 20 de dezembro de 1996, traz em seu texto a necessidade de inserção de outras linguagens nos ensinos fundamental e médio (art. 3º, item II, e art. 36, item II). Em 1998, é a vez dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte mencionarem a necessidade de o aluno ser competente na leitura de quadrinhos, enquanto os PCNs de Língua Portuguesa propõe o estudo através de gêneros (considerando quadrinhos como gênero, eles seriam, sem dúvida, parte dos estudos), e os PCNs do ensino Médio, no volume Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, informam a necessidade de estudos da linguagem dos quadrinhos.

Em 2006, o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), que compra livros para distribuir às escolas de ensino fundamental e médio, traz em sua lista, obras de quadrinhos. Em princípio, poucas obras e, em sua maioria, adaptações literárias, contudo, nos



680

anos subsequentes o número de HQs aumentou e o critério de ser adaptação literária deixou de ser prioritário na escolha da obra.

Santos Neto e Silva (2011) destacam que é preciso critérios para escolher os quadrinhos – assim como qualquer outra mídia produzida pelo homem – para se trabalhar na sala de aula. Não se pode pensar que os quadrinhos “como um *recurso para distrair*” (SANTOS NETO; SILVA, 2011, p. 31, grifos dos autores), como uma leitura recreativa (RAMOS, 2006), ou “como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro.” (VERGUEIRO, 2004, p. 27).

Em vista dos novos estudos sobre quadrinhos e educação, nas últimas décadas têm surgido muitos textos versando sobre a aplicação deles em diferentes áreas como matemática, geografia, língua portuguesa, história, física, língua inglesa etc. Para Vergueiro (2004, p. 26), “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino.”

Tiras, charges e cartuns

Abordaremos os gêneros tiras, charges e cartuns nesta seção em virtude de serem os gêneros mais utilizados nas questões estudadas.

As tiras recebem diversos nomes: tira de jornal, tira diária, tira jornalística, tira de humor, tiras humorísticas ou tirinha (RAMOS, 2007). Publicadas principalmente em jornais, atualmente são compiladas em revistas ou álbuns e têm sido lançadas em sites ou blogs na *internet*.

Ramos (2007, p. 276) define o formato da seguinte maneira: “A tira, como se vê, tem diferentes acepções, que ficam em torno de três eixos: quadrinhos (a linguagem utilizada), jornal (o local privilegiado de publicação) e cômico ou de humor (que abordam a temática).”

Exemplo de tira:



Figura 1 - Deus segundo Laerte, 2000, p. 57, Editora Olho d'Água

Apesar de conterem semelhanças, a charge e o cartum não são a mesma coisa. Segundo Chinen (2011, p. 9), a charge “tem justamente a função de exercer uma crítica a uma determinada personalidade, acontecimento ou situação política, econômica ou social. Só pode ser compreendida dentro de um determinado contexto e por isso tende a ser datada.”

Considerada também um gênero jornalístico e publicada na seção de opinião dos jornais, a charge pode utilizar recursos de linguagem dos quadrinhos, como diálogos em balões e onomatopeias, por exemplo, contudo, costuma utilizar também do gênero caricaturas para representar, de forma humorística, pessoas que estejam em destaque no noticiário.

Exemplo de charge:



Figura 2 - Charge de Torres - Fonte: <http://joaquimdepaula.com.br/index.php/2016/06/charge-do-torres-chaves-e-prof-girafales/>

Com relação ao cartum, Aragão Júnior (2011, p. 115) destaca que ele

Está situado entre a charge e a história em quadrinhos, apropriando-se de elementos de ambos. Pode ser confundido com a charge por tratar, na maioria das vezes, de situações de cunho social, mas por outro lado o cartum não tem comprometimento com um fato ou celebridades, podendo manter o

potencial de fruição por muito tempo depois de ter sido publicado.

Ou seja, o cartum é uma espécie de crônica do comportamento humano que pode ser lido a qualquer tempo e lugar sem uma contextualização maior.

Exemplo de cartum:

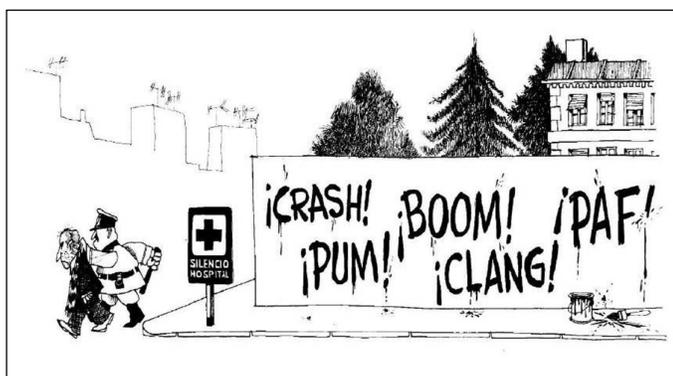


Figura 4 - Cartum de Quino publicada pela primeira vez em 1985 na coletânea *Quinoterapia*.

Metodologia

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, utilizamos o paradigma da pesquisa qualitativa e, uma vez que buscamos informações armazenadas em bancos de dados de instituições educativas, este trabalho se classifica como pesquisa documental para a qual, segundo Fachin (2006), “considera-se documento qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais em papel/madeira/pedra, gravações, pinturas, incrustações e outros” (p. 146). A coleta de material foi realizada em bancos de dados *online* do Portal do MEC, do portal Universidade Estadual de Goiás. Optamos por escolher dois tipos de concursos diferentes da área de educação: concursos da área médica e da área de informática, totalizando duas provas da área por ano realizadas no Estado de Goiás. As provas de concursos públicos foram coletadas no site agregador de provas PCI Concursos.

Análise dos dados

Nesta seção, apresentaremos a análise das questões coletadas.

Quantidade de tiras, charges e cartuns

Entre 2011 e 2015, o ENEM utilizou histórias em quadrinhos em 46 questões (de um total de 1086), enquanto o vestibular da UEG utilizou 33 (de um total de 617) e os concursos utilizaram 19 (de um total de 471). Os gêneros utilizados são apontados a seguir:

Prova /Gêneros	Enem (2011 a 2015)	Vestibular UEG (2011 a 2015)	Concursos (2011 a 2015)
Tiras	15	13	4
Charges	15	8	4
Cartuns	12	8	2
Capa de gibi	1	0	0
História completa em uma página	1	0	0
Recorte de quadrinho	1	1	0

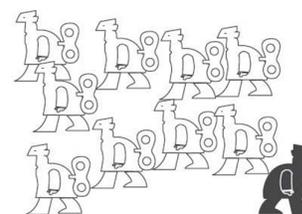
Percebe-se que os gêneros tiras, charges e cartuns são usados quase que em equivalência no ENEM e nos concursos, enquanto que no vestibular, o gênero tiras tem uma ligeira preferência.

Caracterização das questões

A análise das questões dos três tipos de provas permitiu agrupar as questões em cinco categorias:

a) *Questões de interpretação com foco apenas no texto* - aquelas em que era solicitado aos candidatos que atribuíssem sentidos ao conteúdo da tira, charge ou cartum ou fossem capazes de entender seu funcionamento. Exemplo na figura 4.

b) *Questões de interpretação com foco em conteúdos de disciplinas* - aquelas em que era necessário que os candidatos buscassem conhecimentos específicos das disciplinas para resolvê-las, ou seja, não bastava a leitura do texto. Exemplo na figura 5.



CAULOS. Disponível em: www.caulos.com. Acesso em: 24 set. 2011.

O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição as outras e representa a

- A opressão das minorias sociais.
- B carência de recursos tecnológicos.
- C falta de liberdade de expressão.
- D defesa da qualificação profissional.
- E reação ao controle do pensamento coletivo.

Figura 4 – Questão 107 do ENEM 2013 (Caderno Amarelo)



DAVIS, J. Garfield está de dieta. Porto Alegre: L&PM, 2006.

A condição física apresentada pelo personagem da tirinha é um fator de risco que pode desencadear doenças como

- A anemia.
- B beribéri.
- C diabetes.
- D escorbuto.
- E fenilcetonúria.

Figura 5 – Questão 80 do ENEM 2012 (Caderno Azul)

Para resolver a questão acima, é necessário que o candidato tenha estudado as doenças que a obesidade pode ocasionar.

c) *Questões com foco em aspectos linguísticos* - aquelas voltadas para aspectos gramaticais, deixando em segundo plano – ou sequer considerando – o conteúdo verbal ou não-verbal da tira, charge ou cartum. Exemplo na figura 6.

Disponível em: <<http://www.blogdefrases.com.br>>. Acesso em: 24 set. 2014. (Adaptado).

Na tirinha, a locutora utiliza o imperativo verbal para desafiar seu interlocutor a lhe apresentar uma prova de amor. Essas formas imperativas apresentam um caso de variação na pessoa do verbo, tendo a seguinte configuração:

- a) "mate" e "peça" são formas de 2ª pessoa que derivam do presente do modo indicativo e se correlacionam ao pronome de 2ª pessoa "tu".
- b) "prova" e "coloca" são formas de 3ª pessoa que derivam do presente do modo subjuntivo e se correlacionam ao pronome de 3ª pessoa "você".
- c) "prova" e "coloca" são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome "tu"; "mate" e "peça" são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome "você".
- d) "mate" e "peça" são formas de 2ª pessoa correlacionadas ao pronome "tu"; "prova" e "coloca" são formas de 3ª pessoa correlacionadas ao pronome "você".

Figura 6 - Questão 5 do Vestibular da UEG 2015/1

d) *Questões em que os quadrinhos são apenas ilustrativos* – aquelas em que os quadrinhos eram meramente ilustrativos, ou seja, poderiam ser retirados da questão que esta permaneceria inteligível. Em um caso, uma cena de quadrinhos foi recortada de modo a não ter outra função a não ser apenas ilustrar a questão. Exemplo na figura 7.

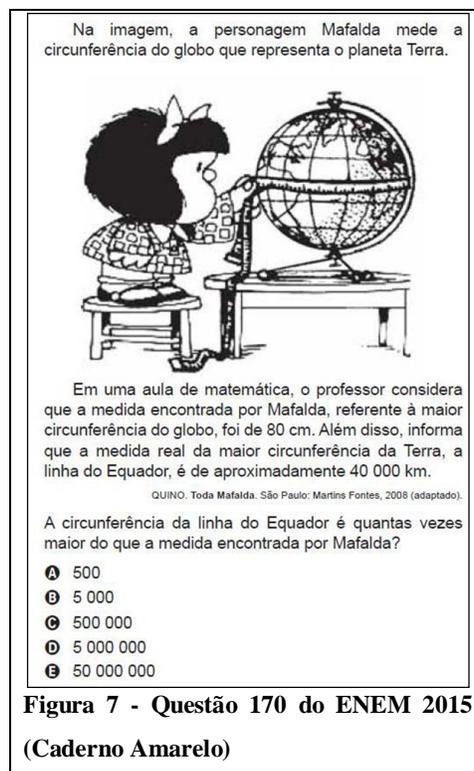
e) *Questões em que os quadrinhos são base para a redação* – aquelas em que os quadrinhos que foram indicados para servirem de base para a redação em um ou outro momento. Contudo, há que se destacar que nas quatro ocorrências que apareceram nos dados, eles faziam parte de uma coletânea de textos, não vieram sozinhos. Havia textos de outros gêneros.

Em suma, eis o percentual dessas categorizações:

	Enem (2011 a 2015)	Vestibular UEG (2011 a 2015)	Concursos (2011 a 2015)
Questões de interpretação com foco apenas no texto	26	14	10
Questões de interpretação com foco em conteúdos de disciplinas	16	11	1
Questões com foco em aspectos linguísticos	2	6	7
Questões em que os quadrinhos são ilustrativos	2	0	1
Questões em que os quadrinhos são base para a redação	1	2	0

Outras observações sobre as questões

Na coleta de dados, observamos também os enunciados das questões que traziam, na elaboração das perguntas, explicações adicionais sobre o conteúdo ou a linguagem dos quadrinhos. Analisando o período de 2011 a 2015, no ENEM, das 46 questões, 33 traziam contextualização nos enunciados; no Vestibular da UEG, das 33 questões, 10 traziam contextualização, enquanto nos concursos, das 20 questões, apenas uma trazia



contextualização.

Um dos principais problemas apontados por autores estudiosos do uso dos quadrinhos na educação é o apagamento da linguagem não verbal em prol de questões que envolvem mais o uso da linguagem verbal. Procurando observar essa questão, constatamos que em 17 questões das 46 do ENEM a imagem foi preponderante para sua resolução. No vestibular da UEG o número foi de 11 questões (de um total de 33) e nos concursos, o número foi de 6 (em um total de 19).

Durante a análise de dados algumas situações problemáticas nos chamaram a atenção: a mutilação dos quadrinhos e a pouca atenção dos elaboradores à questão da autoria e da indicação da fonte dos quadrinhos. As tiras, charges ou cartuns são, com frequência, procuradas na internet e sua autoria ou contexto de publicação nem sempre são itens que estejam claros em sua identificação. Em mais de uma questão percebe-se que a tira, a charge ou o cartum foi recortado, o que altera sua constituição ou seu sentido.

É compreensível a preferência de uso dos elaboradores por textos disponíveis na internet, mas há que se ter cuidado na elaboração de uma referência mais completa e uma atenção ao texto.

Considerações finais

O objetivo geral foi o de verificar quais os tipos de narrativas gráficas e para quais finalidades eles são usados nos vestibulares, concursos e ENEM. Nossa análise apontou para uma preferência de três gêneros: tiras, charges e cartuns. Em relação ao tipo de questões elaboradas com os quadrinhos, foram agrupadas em cinco categorias, observando-se que questões voltadas para análise do gênero já se configuram em um bom número de questões.

Ainda há alguns problemas quando do uso dos quadrinhos nas questões, como mutilação dos quadrinhos e referências incompletas, contudo o painel que se apresenta como resultado da pesquisa é esse: os quadrinhos marcam presença no ENEM, em vestibulares e em concursos, em quase todas as disciplinas. Considerando que há algumas décadas, os quadrinhos foram banidos dos bancos escolares taxados de perniciosos à mente dos alunos, evidencia-se que esse quadro mudou e a posição de quem trabalha a educação hoje (com raras exceções) é a de que é um gênero que deve compor o currículo escolar.



687

Referências

ARAGÃO JÚNIOR, O. C.. Cartum, do impresso à internet: narrativa sequencial e humor disjuntivo. **Revista USP**, v. 88, p. 112-121, 2011.

CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CHINEN, N. **Linguagem HQ: Conceitos básicos**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2011.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2006.

GONÇALO JÚNIOR. Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros? **Pesquisa FAPESP**, n. 161, julho de 2009, p. 90-93.

MILHOMEM, H. **Tiras e charges para vestibulares do Brasil**. Goiânia: Kelps, 2010.

QUITZAU, L. A. **Leitura de tirinhas em provas do vestibular Unicamp: interpretação dos textos e das questões**. 2007. Dissertação. Mestrado em Linguística Aplicada, Campinas-SP.

RAMOS, P. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa da USP, São Paulo-SP).

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, P. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. **Estudos Linguísticos XXXV**, 2006, p. 1574-1583. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/563.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

SANTOS, R. E. dos; VERGUEIRO, W. C. S. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. **Eccos Revista Científica (Impresso)**, v. 27, p. 81-95, 2012.

SANTOS NETO, E. ; SILVA, M. R. P. da . Histórias em quadrinhos e educação: histórico e perspectivas. In: SANTOS NETO, E. dos; SILVA, M. R. P. da (Orgs.). **Histórias em quadrinhos & educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p. 19-32.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P. (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 7-29.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) **Quadrinhos na educação**. Contexto, 2009. p. 9-42.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.